

EVANGELISMO EM TRANSFORMAÇÃO: A FORÇA DA IDENTIDADE PROFÉTICA NO CRESCIMENTO DA IGREJA ADVENTISTA NA CULTURA PÓS-CRISTÃ

EMÍLIO GERALDO ABDALA DUTRA¹

Resumo: Este estudo analisa a relação entre identidade profética, evangelismo e crescimento da Igreja Adventista do Sétimo Dia em contextos urbanos marcados pela cultura pós-cristã. Argumenta-se que o crescimento saudável e sustentável da igreja não depende prioritariamente de inovação metodológica isolada, mas da preservação e renovação de sua consciência identitária e missionária, historicamente fundamentada nas três mensagens angélicas (Ap 14:6-12), no chamado final de Apocalipse 18 e na esperança escatológica da breve volta de Cristo. À luz de contribuições da teologia bíblica, da missiologia e da sociologia da religião, em diálogo com autores como Charles Taylor, Dean M. Kelley, George R. Knight, Timothy Keller, David Bosch e Lesslie Newbigin, o texto demonstra que clareza teológica, coerência ética e centralidade cristocêntrica são condições indispensáveis para a credibilidade pública e a vitalidade missionária da igreja. Como resultado, propõe-se uma síntese integradora que articula identidade profética, contextualização cultural, discipulado intencional e critérios de saúde missionária, oferecendo subsídios teológico-missiológicos para a prática evangelística adventista contemporânea.

Palavras-chave: Evangelismo. Identidade adventista. Cultura pós-cristã. Missão profética. Crescimento da igreja. Escatologia.

¹ Doutor em Ministério pela Andrews University. Docente de Teologia Aplicada no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP). E-mail: emilio.abdala@unasp.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5118-9949>.

EVANGELISM IN TRANSFORMATION: THE POWER OF PROPHETIC IDENTITY IN THE GROWTH OF THE ADVENTIST CHURCH IN POST-CHRISTIAN CULTURE

Abstract: This study analyzes the relationship between prophetic identity, evangelism, and the growth of the Seventh-day Adventist Church in urban contexts shaped by post-Christian culture. It argues that healthy and sustainable church growth depends not primarily on methodological innovation in isolation, but on preserving and renewing the church's sense of identity and mission, historically grounded in the three angels' messages (Rev 14:6–12), the final call of Revelation 18, and the eschatological hope of Christ's soon return. Drawing on insights from biblical theology, missiology, and the sociology of religion, and engaging with authors such as Charles Taylor, Dean M. Kelley, George R. Knight, Timothy Keller, David Bosch, and Lesslie Newbigin, the study demonstrates that theological clarity, ethical consistency, and a Christ-centered focus are indispensable conditions for the church's public credibility and missional vitality. As a result, it proposes an integrative synthesis that brings together prophetic identity, cultural contextualization, intentional discipleship, and criteria for missional health, offering theological and missiological resources for contemporary Adventist evangelistic practice.

Keywords: Evangelism. Adventist identity. Post-Christian culture. Prophetic mission. Church growth. Eschatology.

1. Introdução

Apesar de mais de 150 anos de crescimento global consistente, a Igreja Adventista do Sétimo Dia enfrenta, no século 21, desafios que ultrapassam a esfera meramente numérica e atingem o núcleo de sua identidade missiológica e teológica (Baumgartner, 2000; Trim, 2015). Em contextos marcados pela secularização, pluralização religiosa e enfraquecimento da plausibilidade cultural da fé cristã – especialmente no mundo ocidental urbano –, a questão central não é apenas como evangelizar, mas quem a igreja é e com que consciência anuncia sua mensagem (Taylor, 2010; Keller, 2012).

Para fins analíticos, este estudo utiliza o conceito de pós-cristandade para designar contextos urbanos do mundo ocidental caracterizados pela secularização avançada, pela pluralização religiosa e pela perda da centralidade cultural do cristianismo (Taylor, 2010; Newbigin, 1989). Não se trata da ausência de religião, mas de um ambiente no qual a fé cristã deixou de operar como pressuposto social compartilhado e passou a competir com múltiplas narrativas de sentido. Embora o adventismo seja um movimento global, a reflexão aqui proposta concentra-se nesses contextos, nos quais os desafios à identidade missionária se mostram mais agudos.

Nesse cenário, a busca por relevância cultural tem levado muitos movimentos cristãos a priorizarem inovação metodológica e adaptação comunicacional, frequentemente acompanhadas pela relativização ou postergação de conteúdos doutrinários considerados dissonantes (Keller, 2012; Bosch, 2002). Contudo, análises históricas e sociológicas indicam que movimentos religiosos que perdem clareza teológica e convicção identitária tendem, a médio e longo prazo, à estagnação ou ao declínio (Kelley, 1972; Knight, 2019). O desafio,

portanto, não reside apenas na adequação de métodos, mas na preservação de uma identidade missionária coerente em contextos culturais diversos.

No caso do adventismo, essa tensão assume contornos particulares. Como movimento estruturado em torno de uma mensagem escatológica e profética, expressa nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12 e no chamado final de Apocalipse 18, a Igreja Adventista compreende sua missão como universal, urgente e fundamentada em verdades distintivas (Trim, 2015; Knight, 2019). A diluição dessa identidade, ainda que motivada por intenções missionárias legítimas, ameaça o próprio fundamento que historicamente sustentou sua vitalidade evangelística.

Soma-se a esse quadro a complexidade institucional do adventismo contemporâneo. Sua ampla rede educacional, hospitalar e administrativa constitui um importante ativo missionário, mas também gera o risco de deslocamento progressivo de recursos da missão evangelística direta para a manutenção organizacional, especialmente em sociedades cada vez mais secularizadas (Baumgartner, 2000). Paralelamente, a persistência de modelos evangelísticos centrados em eventos pontuais, desacompanhados de processos intencionais de discipulado e integração, tem contribuído para fragilidade comunitária e evasão, revelando a necessidade de recolocar a formação de discípulos como critério central de fidelidade missionária (Mt 28:18-20; 2Tm 2:2).

Do ponto de vista metodológico, o presente trabalho configura-se como um ensaio teórico-analítico, de caráter interdisciplinar. Não se trata de uma revisão sistemática da literatura, mas de uma reflexão crítica que dialoga com contribuições da teologia bíblica, da missiologia e da sociologia da religião, buscando integrar categorias conceituais e evidências históricas relevantes para a compreensão da relação entre identidade profética, evangelismo e crescimento da igreja em contextos pós-cristãos.

À luz dessas delimitações, este estudo investiga a seguinte questão central: como a preservação e a renovação da identidade profética influenciam a credibilidade missionária e o crescimento saudável da Igreja Adventista do Sétimo Dia em contextos urbanos pós-cristãos do mundo ocidental?

O artigo está estruturado da seguinte forma: inicialmente, examina-se a identidade adventista como movimento missionário; em seguida, analisam-se os desafios culturais da pós-cristandade; posteriormente, discute-se o evangelismo contextualizado e os processos de discipulado; por fim, propõe-se uma síntese integradora com critérios de saúde, assimilação e multiplicação missionária.

2. A Identidade Adventista como Movimento Missionário

Desde suas origens no século 19, a Igreja Adventista do Sétimo Dia se compreende como um movimento de restauração e proclamação. Sua identidade teológica está enraizada nas três mensagens angélicas (Ap 14:6-12) e na Grande Comissão (Mt 28:18-20), que lhe conferem caráter universal e escatológico. A missão não constitui um aspecto periférico de sua existência institucional, mas sua própria razão de ser. Ellen G. White (2008) enfatiza que a igreja foi organizada para servir e que sua missão fundamental é levar o evangelho ao mundo.

A consciência de ser um povo portador de uma mensagem específica para o tempo do fim moldou profundamente a teologia, a organização e a práxis adventista. David Trim (2015) observa que identidade e missão formam os dois pilares inseparáveis do adventismo histórico, de modo que qualquer enfraquecimento da identidade resulta inevitavelmente em perda de vitalidade missionária. Nesse sentido, preservar a identidade profética não é um luxo teológico,

mas um imperativo evangelístico: quando a igreja perde convicção de propósito, tende a deslocar-se da missão para a mera manutenção institucional.

Essa percepção encontra forte respaldo na análise sociológica de Dean M. Kelley. Em seu estudo clássico sobre crescimento e declínio denominacional, Kelley demonstra que movimentos religiosos tendem a crescer não apesar de suas crenças distintivas, mas por causa delas. Igrejas que mantêm doutrinas claras exigem compromisso real e preservam práticas que “custam” algo aos seus membros demonstram maior seriedade religiosa, maior coesão interna e maior capacidade de oferecer significado existencial (Kelley, 1972). Segundo Kelley, religiões que reduzem suas exigências, relativizam suas crenças ou diluem seus distintivos em nome da aceitabilidade cultural tornam-se “baratas demais para serem levadas a sério” e, consequentemente, perdem sua força missionária.

Aplicado ao adventismo, esse argumento revela que sua identidade profética – expressa em doutrinas como o sábado, a escatologia bíblica, a ética do corpo, a mordomia e o discipulado integral – não constitui um obstáculo ao crescimento, mas um de seus principais motores históricos. Como o próprio Kelley (1972) observou em sua análise comparativa, enquanto denominações protestantes de matriz liberal entraram em declínio acentuado no século 20, grupos como os adventistas do sétimo dia, os santos dos últimos dias (mórmons) e as testemunhas de Jeová apresentaram crescimento consistente, justamente por manterem identidade clara, fronteiras doutrinárias definidas e elevado nível de comprometimento exigido de seus membros.

Essa identidade possui um caráter claramente centrífugo: é um chamado a ir, proclamar e preparar o mundo para a volta de Cristo. Ao mesmo tempo, ela exige discernimento pastoral e sensibilidade cultural. Ellen G. White (2007) sintetiza essa tensão criativa ao afirmar que “os métodos podem variar, mas os princípios permanecem os mesmos”. Fidelidade doutrinária e flexibilidade metodológica não são forças opostas, mas complementares quando corretamente compreendidas.

A autocompreensão adventista como remanescente, portanto, deve ser lida como vocação e responsabilidade, não como superioridade religiosa. Trata-se do chamado para restaurar a adoração ao Criador-Redentor, convidar pessoas a sair da confusão espiritual e preparar um povo para encontrar Cristo (Ap 18:1-5; 14:6-12). Quando essa vocação permanece cristocêntrica, ela gera humildade, urgência missionária e coerência ética; quando se torna triunfalista ou defensiva, produz sectarismo e perda de empatia.

Assim, a identidade adventista é essencialmente dinâmica. Ela preserva o conteúdo eterno do evangelho, mas busca expressá-lo de maneira inteligível e contextualizada. O desafio do século 21 não é abandonar distintivos em nome da relevância, mas manter o equilíbrio entre fidelidade e adaptação, entre o profético e o pastoral. Como advertiu Kelley (1972), quando um movimento religioso deixa de se levar a sério, dificilmente conseguirá convencer outros de que sua mensagem vale a pena ser seguida. Quando esse equilíbrio se rompe – seja pela rigidez institucional, seja pela assimilação cultural –, a missão perde eficácia e o crescimento se torna superficial. Entretanto, a identidade não se expressa no vácuo. Toda identidade religiosa se manifesta, se tensiona e se comunica em contextos culturais concretos. Assim, para compreender os desafios atuais da missão adventista, é indispensável analisar o ambiente sociocultural no qual essa identidade profética é chamada a atuar, especialmente no contexto da pós-cristandade.

3. Algumas Evidências Empíricas Contemporâneas do Crescimento Adventista

Um exemplo empírico contemporâneo que ilustra as dinâmicas discutidas neste artigo é apresentado no vídeo *Why Seventh-day Adventists Are Growing as Christianity Declines* [Por que os adventistas do sétimo dia estão crescendo enquanto o cristianismo entra em declínio], produzido pelo Christian Faith Archive (2023). Embora não se trate de um estudo acadêmico formal, o material sintetiza observações sociológicas amplamente discutidas na literatura sobre declínio denominacional, identidade religiosa e crescimento eclesial e serve, neste artigo, como ilustração empírica dessas tendências.

O vídeo destaca que, desde o início dos anos 2000, denominações protestantes históricas como a Igreja Metodista Unida (*United Methodist Church*), a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (*Presbyterian Church USA*) e a Igreja Episcopal (*Episcopal Church*) experimentaram declínio acentuado, enquanto a Igreja Adventista do Sétimo Dia apresentou crescimento de aproximadamente 30% na América do Norte no mesmo período (Christian Faith Archive, 2023). Tal dado contraria a expectativa dominante segundo a qual igrejas com doutrinas exigentes, práticas contraculturais e fronteiras confessionais bem definidas tenderiam a perder relevância em contextos de secularização avançada. O caso adventista sugere, ao contrário, que tais características podem operar como fatores de resiliência institucional e vitalidade missionária.

A interpretação apresentada converge de maneira significativa com a análise sociológica clássica de Dean M. Kelley (1972), segundo a qual comunidades religiosas tendem a crescer não apesar de suas exigências, mas precisamente por causa delas. O vídeo observa que muitas denominações buscaram relevância cultural por meio da flexibilização doutrinária e da acomodação ética, tornando-se progressivamente indistinguíveis do discurso moral e cultural dominante. Essa assimilação reduziu tensões imediatas com a sociedade, mas enfraqueceu a capacidade dessas igrejas de oferecer uma identidade religiosa clara e uma alternativa plausível ao secularismo contemporâneo (Christian Faith Archive, 2023).

Nesse contexto, o material formula uma questão analiticamente relevante: se a teologia de uma igreja é virtualmente idêntica ao discurso moral predominante na esfera pública, se sua ética pouco difere da ética secular e se sua prática litúrgica se aproxima de expressões culturais amplamente disponíveis, por que razão indivíduos se comprometeriam com a vida comunitária e eclesial de forma regular? Essa indagação reforça a tese de que a perda de distintividade compromete a plausibilidade religiosa e, consequentemente, a vitalidade missionária.

Em contraste, o adventismo é apresentado como um modelo alternativo que preserva crenças e práticas distintivas capazes de moldar um modo de vida reconhecivelmente diferente do ambiente cultural circundante. A observância do sábado redefine o ritmo semanal; a ênfase em saúde impacta hábitos cotidianos; e os distintivos doutrinários oferecem uma interpretação própria da história da salvação. Tais práticas implicam custos reais – inconveniência social, tensão cultural e, em alguns casos, limitações profissionais –, mas esses custos podem ser interpretados sociologicamente como indicadores de autenticidade religiosa, sinalizando que a fé oferece algo suficientemente valioso para justificar o sacrifício exigido (Christian Faith Archive, 2023).

O vídeo ressalta ainda que o crescimento adventista não se explica meramente por rigor doutrinário ou disciplina comportamental. Ele identifica um conjunto integrado de fatores que ressoam com indivíduos em busca de pertencimento e sentido em contextos pós-cristãos: (1) forte ênfase em alfabetização bíblica e educação religiosa sistemática; (2) compreensão

holística da fé, integrando espiritualidade e cuidado com a saúde; (3) perspectiva missionária global, que oferece senso de participação em um movimento transnacional; (4) identidade profética e escatológica, que confere coerência narrativa e horizonte de esperança; e (5) vida comunitária marcada por apoio mútuo e cuidado prático, especialmente relevante em contextos urbanos e migratórios (Christian Faith Archive, 2023).

Outro aspecto enfatizado é a diversidade étnica e socioeconômica observada nas comunidades adventistas norte-americanas. O caso analisado desafia a suposição de que inclusão e diversidade dependem primariamente de alinhamento político ou acomodação cultural. As evidências sugerem que a diversidade emerge da convergência em torno de crenças compartilhadas, práticas comuns e uma missão transcendente, indicando que o que une indivíduos de diferentes origens não é uma ideologia social homogênea, mas o compromisso com uma cosmovisão religiosa coerente e com uma comunidade que oferece suporte espiritual e relacional significativo (Christian Faith Archive, 2023).

Em síntese, a análise empírica apresentada reforça o argumento central deste capítulo: comunidades religiosas que preservam clareza teológica, identidade distinta e exigências proporcionais ao valor da mensagem que proclamam tendem a apresentar maior resiliência institucional e maior capacidade de crescimento em contextos pós-cristãos. O caso adventista sugere que a vitalidade missionária contemporânea não resulta da neutralização da identidade profética, mas de sua vivência coerente em práticas comunitárias, pedagógicas e discipuladoras. Contudo, a identidade não se expressa no vácuo; ela é continuamente testada e comunicada em contextos culturais específicos. Torna-se, portanto, necessário avançar da análise identitária para o exame dos desafios culturais próprios da pós-cristandade, tema da seção seguinte.

4. Desafios Culturais Contemporâneos na Pós-Cristandade

57

A transição da cristandade para a pós-cristandade representa uma das transformações mais profundas da história ocidental. O mundo pós-cristão é caracterizado pela pluralidade de crenças, pela autonomia moral e pela privatização da fé. O “desencantamento do mundo”, associado à racionalização moderna (Weber, 2004), descreve uma sociedade na qual o sagrado deixou de ser a estrutura dominante da vida pública, embora continue operando em formas subjetivas e fragmentadas.

A cultura digital intensifica essa fragmentação. O fluxo permanente de informações reduz a capacidade de atenção, favorece polarizações e torna a experiência religiosa vulnerável ao consumo rápido. Igrejas podem ser tentadas a ajustar-se ao algoritmo, trocando profundidade por visibilidade. Contudo, o evangelho não é um produto; é uma convocação. O desafio, portanto, é usar meios contemporâneos sem reduzir o conteúdo a slogans.

Em contextos urbanos, o pluralismo e a mobilidade tornam as comunidades religiosas mais porosas. A igreja deixa de ser “o lugar” natural de socialização e torna-se uma opção entre muitas. Timothy Keller (2012) observa que, em ambientes pós-cristãos, a clareza do evangelho é mais necessária do que nunca, pois a ambiguidade já domina a cultura. Isso implica que a igreja precisa apresentar razões, narrativas e práticas que tornem o evangelho crível e desejável.

Além disso, novas gerações experimentam uma crise de confiança institucional. Pesquisas indicam que o interesse por espiritualidade permanece, mas a confiança em instituições religiosas diminuiu, especialmente entre jovens (Barna Group, 2019). Em termos missiológicos, isso desloca o eixo do evangelismo: relações autênticas, presença encarnacional

e comunidades saudáveis constituem, em conjunto, uma das principais formas de apologética do evangelho (Jo 13:35).

Por fim, em uma cultura orientada por causas, muitos pós-cristãos primeiro se aproximam de iniciativas de justiça, saúde e serviço, depois encontram comunidade coerente, e só então se abrem para Cristo como fundamento de sentido. Essa dinâmica não substitui o evangelho, mas exige pontes. Para o adventismo, que possui tradição de atuação em áreas de saúde, educação e assistência, há oportunidades de serviço que podem abrir portas para o discipulado, desde que a causa não substitua a conversão e a adoração. Esse conjunto de transformações culturais levanta uma questão missiológica central: como comunicar uma mensagem cristocêntrica, exclusiva e escatológica em um ambiente pluralista, fragmentado e frequentemente desconfiado das instituições religiosas? A resposta a essa pergunta exige uma reflexão cuidadosa sobre o próprio conceito de evangelização e seus desdobramentos práticos no contexto contemporâneo.

5. Evangelismo Contextualizado e Crescimento da Igreja

O evangelismo adventista historicamente privilegiou a proclamação pública e o ensino bíblico sistemático. Esse legado permanece valioso, sobretudo porque a mensagem adventista é intensamente bíblica, doutrinária e catequética. Contudo, em contextos urbanos e pós-cristãos, torna-se evidente que evangelizar não pode ser reduzido a eventos isolados. Evangelização bíblica envolve um processo contínuo de discipulado, no qual a proclamação (querigma) é acompanhada por encarnação comunitária, acompanhamento pastoral e integração intencional (At 2:14-47).

Entretanto, no caso adventista, o evangelismo não é apenas relacional; ele é também doutrinário em sua essência. Roger Walter (2017) demonstra que igrejas adventistas crescem “de maneira diferente” justamente porque sua teologia é diferente. Segundo ele, a força missionária do adventismo reside na clareza doutrinária e na apresentação progressiva das verdades bíblicas, respeitando tanto barreiras espirituais quanto barreiras teológicas. O autor argumenta que abandonar essa lógica – ou diluir a doutrina em nome de relevância – equivale a perder a própria razão de ser do movimento adventista.

Walter (2017, p. 65-67) propõe que o processo evangelístico adventista respeite uma ordem pedagógica e teológica, segundo a qual apenas um grande eixo doutrinário é apresentado por vez, permitindo que o ouvinte atravessasse gradualmente barreiras cognitivas, emocionais e espirituais. Essa abordagem não reduz a importância da doutrina; ao contrário, reconhece que doutrinas centrais como a segunda vinda, o estado dos mortos e o sábado envolvem mudanças profundas na cosmovisão e no estilo de vida, exigindo tempo, confiança e discipulado progressivo.

Essa compreensão dialoga diretamente com o modelo bíblico e missiológico conhecido como Ciclo de uma Colheita, no qual o evangelismo é entendido como um evento dentro de um processo mais amplo de fazer discípulos, e não como um fim em si mesmo. Nesse modelo, a missão é orgânica, comparável à agricultura, e não mecânica ou mercadológica (Jo 4:35-38; 1Co 3:6-9).

À luz desse paradigma, o ciclo missional pode ser descrito em cinco fases interdependentes:

1. Preparar – envolve o preparo do solo do coração humano por meio de presença relacional, serviço compassivo, ministérios de saúde e construção de confiança. Nessa fase, barreiras emocionais são removidas e a credibilidade do mensageiro é estabelecida (At 10:38; White, 2005).

2. Semear – refere-se à introdução intencional da verdade bíblica, por meio de testemunhos, literatura, mídia e conversas espirituais, removendo barreiras intelectuais e despertando interesse pela Palavra (2Co 9:6).

3. Cultivar – corresponde ao acompanhamento sistemático por meio de estudos bíblicos pessoais, pequenos grupos e classes bíblicas, em que o interesse espiritual é aprofundado e convicções são formadas. Esta é, biblicamente, a fase mais longa e exigente do processo discipulador (Mt 13:3-9).

4. Colher – diz respeito à condução intencional de decisões espirituais, culminando no batismo. Essa fase envolve apelos pastorais claros, exame cuidadoso dos candidatos e integração imediata à comunidade de fé (Lc 10:2; Mt 28:19).

5. Conservar – consiste na preservação da colheita por meio de discipulado sistemático pós-batistal, mentoria espiritual, envolvimento em ministérios e capacitação missionária. O objetivo não é apenas retenção, mas crescimento e frutificação contínua (Jo 15:16; Mc 1:17).

Esse ciclo corrige dois extremos comuns: o evangelismo apressado, que colhe sem preparar ou cultivar, e o evangelismo indefinido, que prepara e semeia sem jamais conduzir à decisão. A colheita bíblica é intencional, mas nunca desconectada do cuidado posterior. Como enfatiza Ellen G. White (2007), converter pessoas sem acompanhá-las é abandonar a colheita à deterioração espiritual.

Para a Igreja Adventista, essa abordagem é especialmente coerente, pois sua identidade profética integra doutrina, ética, missão e esperança escatológica. Quando a igreja respeita o processo discipular, proclama a verdade com clareza doutrinária e cuida das pessoas ao longo de toda a jornada espiritual, o evangelismo deixa de ser episódico e torna-se um ciclo permanente de vida e missão.

Por fim, crescimento saudável precisa ser avaliado de modo integral. Números são importantes, mas insuficientes. O Novo Testamento mede maturidade por perseverança, amor, serviço e fidelidade (Cl 1:28; Ef 4:11-16). Assim, toda estratégia evangelística deve estar subordinada à agenda do discipulado e à fidelidade à missão profética confiada à igreja. Contudo, esse processo evangelístico não ocorre em abstração, mas em espaços sociais específicos. Na contemporaneidade, tais espaços são majoritariamente urbanos e digitais, caracterizados por mobilidade, conectividade e rápida circulação de narrativas. Por isso, compreender a cidade e o ambiente digital como campos missionários torna-se um passo indispensável para a prática evangelística no século 21.

6. Atenção à Cultura Digital e Urbana: O Novo Areópago

A missão contemporânea ocorre em um ambiente híbrido, em que o espaço físico e o digital se entrelaçam. As cidades tornaram-se laboratórios culturais e espirituais, concentrando desafios e oportunidades. Samuel Escobar afirma que a igreja não pode se retirar da cidade, pois é ali que a fé se torna pública e visível (Escobar, 1999). Para o adventismo, cuja vocação é global, a missão urbana é indispensável: é na cidade que o pluralismo, as desigualdades e a criatividade cultural se concentram.

A cultura digital amplia o alcance e a velocidade, mas também incentiva a superficialidade e a polarização. O evangelismo baseado apenas em eventos enfrenta limites quando o público vive em permanente fluxo. Jon Paulien (2008) destaca a necessidade de traduzir a “verdade presente” para a “realidade presente”, isto é, comunicar a mensagem em linguagem que as pessoas consigam ouvir, sem abandonar o conteúdo bíblico.

O ambiente digital também altera a formação da identidade. Pessoas constroem um senso de pertencimento em comunidades on-line, seguem influenciadores e praticam uma

espiritualidade fragmentada. Isso exige que a igreja ofereça caminhos claros de formação: leitura bíblica orientada, práticas espirituais, mentoria e espaços de diálogo. Sem esses caminhos, a fé se torna uma colagem de referências, suscetível à desinformação e ao sensacionalismo religioso.

Além disso, o ambiente digital tornou pública a coerência (ou a incoerência) cristã. Falhas éticas e inconsistências tornam-se visíveis com rapidez, afetando diretamente a credibilidade da igreja. Em termos bíblicos, a santidade não é mero moralismo, mas testemunho (1Pe 2:12). Para o evangelismo, isso significa que a integridade institucional e a espiritualidade comunitária são fatores missionários.

Em termos práticos, algumas orientações se mostram úteis: (a) produzir conteúdo centrado em Cristo e na esperança escatológica, evitando alarmismo; (b) priorizar testemunhos e histórias que revelem transformação; (c) criar pontes para encontros presenciais; (d) formar pequenos grupos e mentores que acolham interessados vindos do ambiente digital; e (e) manter coerência ética, pois, no mundo conectado, incoerências se tornam públicas rapidamente.

Assim, a tecnologia é o meio; a profecia é o conteúdo. A igreja cresce quando sua mensagem é clara e quando sua vida comunitária confirma o que ela anuncia (Jo 13:35; 1Ts 1:5-8). A atuação missionária nesses novos ambientes, contudo, levanta um desafio teológico recorrente: como dialogar com a cultura sem comprometer a integridade da mensagem bíblica? A resposta passa necessariamente pelo conceito de contextualização, entendido não como adaptação acrítica, mas como discernimento missional fiel às Escrituras.

7. Preservar a Identidade na Contextualização

A contextualização é um princípio missiológico essencial, mas frequentemente mal compreendido. Adaptar a forma sem alterar o conteúdo é o desafio permanente da igreja. Ellen G. White (2007) resume a tensão criativa entre fidelidade e relevância: “os métodos variam, os princípios não”.

Ángel Manuel Rodríguez (2009) define a contextualização como uma tentativa intencional e criteriosa de comunicar o evangelho de modo culturalmente significativo e relevante, com fidelidade às Escrituras e sob a orientação do Espírito Santo, reconhecendo que o evangelho julga todas as culturas. Essa definição protege a igreja de dois extremos: (a) sincretismo, quando a mensagem é moldada por valores culturais incompatíveis com a Bíblia; e (b) isolacionismo, quando a igreja se recusa a dialogar e perde a capacidade de escuta missionária.

Paul Hiebert (1985) propõe a ideia de “contextualização crítica”, na qual a igreja observa práticas culturais, avalia-as à luz das Escrituras e decide, em comunidade, o que pode ser afirmado, o que deve ser rejeitado e o que precisa ser redimido. Essa abordagem é especialmente útil em contextos urbanos, onde as pressões culturais operam por símbolos e hábitos cotidianos: consumo, sexualidade, tempo, trabalho e autocentrismo.

O perigo do sincretismo, sobretudo no Ocidente, manifesta-se quando a igreja absorve sem discernimento as narrativas dominantes de sucesso, consumo e afirmação individual. Lesslie Newbigin (1989) advertiu que a igreja ocidental pode tornar-se um caso avançado de sincretismo ao aceitar os pressupostos da cultura como se fossem neutros. Em linguagem contemporânea, isso ocorre quando o evangelho é reduzido à terapia, e a missão, ao *branding* institucional.

A contextualização saudável exige processos comunitários de discernimento. Rodríguez (2009) ressalta que esse trabalho deve envolver líderes, teólogos, missiólogos, membros locais

e ministros e ser realizado perto de onde as pessoas vivem. A igreja local, portanto, não é apenas alvo de estratégias; é também sujeito missional que aprende a traduzir e encarnar a mensagem no território.

Desse modo, preservar identidade não significa repetir fórmulas do passado; significa manter fidelidade ao centro (Cristo e as Escrituras) enquanto se traduzem a forma e a linguagem. Uma contextualização fiel produz inteligibilidade sem traição e relevância sem perda de conteúdo. Preservar a identidade na contextualização implica reconhecer que o conteúdo da mensagem não é negociável, ainda que suas formas de comunicação variem. No caso do adventismo, essa fidelidade se expressa de maneira particular na centralidade da mensagem profética, que articula o anúncio cristocêntrico e a consciência escatológica como eixo da missão.

8. Mensagem Profética: *Kerygma* e *Propheteuo* (At 2:16-24, 36, 41)

No Pentecostes, Pedro articulou de forma exemplar a combinação entre clareza proclamativa (*kerygma*) e consciência profética (*propheteuo*). Sua pregação anunciou o cumprimento das profecias de Joel (At 2:16-21) e teve como centro inequívoco Cristo crucificado e ressuscitado como Senhor e Messias (At 2:22-24, 36). A resposta do povo (At 2:41) revela que a igreja nascente se compreendia como um povo profético, portador de uma mensagem clara, histórica e escatológica para o mundo. Esse paradigma permanece normativo para a missão cristã.

No contexto adventista, essa compreensão ganha contornos específicos. A Igreja Adventista do Sétimo Dia nasceu sob o impulso do cumprimento profético e do anúncio da iminente volta de Cristo, fundamentada nas três mensagens angélicas de Apocalipse 14:6-12, entendidas como a última e universal convocação divina à humanidade. Como destaca Dederen (2000, p. 887), os adventistas se veem como “um cumprimento da profecia apocalíptica, um movimento profético chamado a preparar um povo em todas as partes da Terra para estar pronto para a vinda de Cristo”. Essa autoconsciência moldou profundamente a identidade, a teologia e a práxis missionária do movimento.

A primeira mensagem angélica proclama o “evangelho eterno” no contexto da chegada da “hora do juízo”, convocando todas as nações a temer a Deus, dar-Lhe glória e adorá-Lo como Criador (Ap 14:6-7), unindo redenção e responsabilidade sob a soberania divina. A segunda mensagem anuncia a queda de Babilônia, símbolo dos sistemas religiosos e ideológicos que corrompem a verdade e seduzem as nações (Ap 14:8), culminando no chamado para que o povo de Deus se separe de tais estruturas (Ap 18:1-4). A terceira mensagem apresenta o alerta escatológico final contra a adoração da besta e caracteriza o povo fiel como aqueles que “guardam os mandamentos de Deus e a fé em Jesus” (Ap 14:9-12; Seventh-day Adventist Encyclopedia 1996, s.v. “Three Angels’ Messages”).

Historicamente, o movimento adventista compreendeu essas mensagens não apenas como eventos proféticos sucessivos, mas como um corpo integrado de proclamação. Com o desenvolvimento da teologia adventista, consolidou-se a compreensão de que a terceira mensagem não substitui as anteriores, mas as inclui e representa a culminância dessa sequência, conferindo unidade à missão da igreja. Assim, a missão adventista consiste em anunciar o evangelho eterno a todos os povos, chamar à adoração do Criador no contexto do juízo em andamento, convocar à separação de sistemas religiosos confusos e sustentar a fidelidade a Cristo em meio ao conflito final.

Nesse sentido, Knight (2019) adverte que, se o adventismo perder sua visão apocalíptica, perderá também sua razão histórica de existir. Ao mesmo tempo, ele alerta contra uma pregação que enfatiza símbolos, datas e controvérsias, mas obscurece o Cristo do Apocalipse, lembrando que o sacrifício de Cristo constitui o centro organizador de toda a verdade bíblica e profética (White, 2008). A fidelidade profética, portanto, não pode ser dissociada do cristocentrismo.

Do ponto de vista sociológico, a clareza identitária associada a uma mensagem distintiva exerce impacto direto sobre o crescimento religioso. Kelley (1972) demonstrou que grupos com fronteiras doutrinárias bem definidas tendem a atrair indivíduos em busca de significado, compromisso e propósito. Em contraste, quando comunidades religiosas relativizam suas crenças centrais para reduzir tensões culturais, frequentemente perdem sua identidade e experimentam estagnação.

Dessa forma, emerge um princípio integrador: igrejas crescem de maneira saudável quando proclamam com clareza uma mensagem profética, cristocêntrica e escatológica, mantendo viva sua identidade e missão. A articulação entre *kerygma* (clareza bíblica) e *propheteuo* (consciência profética) favorece conversões autênticas, mobilização missionária e crescimento sustentável, oferecendo uma base coerente para a prática missionária contemporânea.

À luz dessas considerações bíblicas, teológicas e sociológicas, torna-se possível avançar para uma proposta integradora que não se limite à defesa de princípios isolados, mas articule identidade, evangelismo, contextualização e discipulado em um modelo coerente para a prática missionária contemporânea da igreja.

9. Síntese Propositiva: Um Modelo de Evangelismo Profético, Relacional e Sustentável

À luz dos fundamentos expostos, propõe-se um modelo integrador com quatro eixos: contextualização, missão, mensagem e comunidade. Esses eixos operam como um sistema: enfraquecer um deles compromete os demais. O objetivo deste modelo não é substituir iniciativas existentes, mas oferecer uma matriz teológico-missiológica para avaliar e alinhar práticas evangelísticas ao propósito profético da igreja.

Contextualização: processos de discernimento para evitar sincretismo. A contextualização não pode ser improvisada. Sugere-se um ciclo de discernimento: (a) escuta cultural (pesquisa do bairro, entrevistas, diagnóstico geracional), (b) leitura bíblica e teológica (quais temas bíblicos respondem à dor identificada?), (c) desenho de práticas (como comunicar e encarnar?), (d) avaliação ética e doutrinária (há sincretismo, trivialização ou distorção?) e (e) revisão contínua. Esse ciclo deve envolver liderança pastoral, teólogos, missiólogos, jovens e membros locais (Rodríguez, 2009).

Missão: serviço como ponte e profecia como conteúdo. A igreja precisa encarnar o evangelho em práticas públicas de compaixão, justiça e cuidado, especialmente em ambientes urbanos. O adventismo possui uma tradição nas áreas de saúde e educação, que pode ser empregada como ponte missionária. Contudo, o serviço não deve ser desconectado da proclamação: ele prepara o coração, abre portas e dá credibilidade ao anúncio. O objetivo é que as pessoas sejam conduzidas a Cristo, à comunidade e à obediência da fé. Nesse sentido, a igreja local pode mapear as dores do território (solidão, ansiedade, dependências, violência, insegurança alimentar) e oferecer respostas evangelísticas integradas (aconselhamento, grupos de apoio, projetos de saúde, alfabetização bíblica).

Mensagem: *kerygma* com densidade bíblica e Apocalipse com graça. A proclamação deve ser explicitamente cristocêntrica: a vida, a morte e a ressurreição de Cristo como núcleo (1Co 15:1-4). A escatologia adventista deve ser apresentada como continuidade do evangelho: o Deus que salva também julga e restaura (Ap 14:6-7). Isso reduz dois riscos: moralismo (ética sem cruz) e sensacionalismo (profecia sem Cristo). Em termos pedagógicos, recomenda-se que as séries proféticas sejam organizadas como uma narrativa do conflito cósmico, destacando o caráter de Deus, o tema da adoração e a esperança da consumação (Ap 21-22).

Comunidade: Em contextos pós-cristãos, a igreja é chamada a ser uma comunidade “apologética”, isto é, um sinal visível do Reino (Jo 13:35). Isso implica hospitalidade intencional, acolhimento de dúvidas, acompanhamento espiritual e formação de vínculos. Pequenos grupos, classes bíblicas e mentoria pessoal funcionam como estruturas de cuidado e crescimento. A integração do novo crente deve ser planejada: acolhimento, amizade, inclusão em ministérios e formação de hábitos espirituais. Quando a comunidade se torna família, a fé deixa de depender apenas de eventos e passa a ser sustentada por pertencimento e propósito (At 2:44-47).

Todo modelo teológico-missiológico, entretanto, precisa ser acompanhado por critérios que permitam avaliar sua efetividade e fidelidade ao propósito bíblico. Sem indicadores claros de saúde espiritual, assimilação e multiplicação, corre-se o risco de confundir atividade com vitalidade e resultados imediatos com frutos duradouros.

10. Indicadores de Saúde, Assimilação e Multiplicação

A introdução de indicadores de saúde, assimilação e multiplicação não representa uma inflexão pragmática ou gerencial na argumentação desenvolvida até aqui. Antes, constitui um desdobramento necessário da reflexão teológico-missiológica proposta. Se a identidade profética é apresentada como fundamento da credibilidade missionária e do crescimento saudável da igreja, torna-se igualmente necessário perguntar como essa identidade se manifesta de forma observável na vida comunitária. Os indicadores, portanto, não funcionam como metas em si mesmos, mas como sinais discerníveis da coerência entre identidade proclamada, discipulado vivido e missão sustentada ao longo do tempo.

Em um contexto pós-cristão, a reflexão sobre crescimento e missão exige honestidade metodológica, discernimento teológico e sensibilidade pastoral. Medir resultados não equivale a idolatrar números; antes, constitui um exercício de mordomia espiritual e cuidado do rebanho confiado por Deus (At 20:28). A ausência de indicadores claros pode gerar a ilusão de progresso, quando a igreja celebra eventos sem avaliar frutos duradouros. Por outro lado, métricas desumanizadas reduzem pessoas a estatísticas e enfraquecem o caráter pastoral da missão. O desafio, portanto, é construir um sistema avaliativo que sirva ao discipulado, à fidelidade bíblica e à missão profética da igreja.

Estudos recentes sobre revitalização e missão convergem em dois princípios fundamentais. Primeiro, a saúde precede a expansão: o crescimento tende a ser consequência da vitalidade espiritual, da qualidade relacional e da remoção de barreiras internas à missão (Schwarz, 1996; Warren, 2003). Segundo, clareza identitária e compromisso real favorecem coesão e reprodução. Igrejas que mantêm convicções claras, exigem envolvimento significativo e preservam uma causa transcendente demonstram maior capacidade de perseverança e multiplicação (Kelley, 1972). No contexto adventista, a centralidade de Cristo combinada à clareza do chamado profético sustenta unidade, propósito missionário e longevidade espiritual (Knight, 2019; Doss, 2014).

11. Do Modelo de Marcador Único ao Modelo de Múltiplos Marcadores

Grande parte da tradição missionária cristã – inclusive adventista – avaliou historicamente o sucesso missionário a partir de um marcador único: o número de batismos. Embora o batismo seja um passo essencial na jornada cristã (Rm 6:1-7), a literatura missiológica contemporânea demonstra que esse modelo é teologicamente incompleto, pastoralmente arriscado e missiologicamente inadequado para o século 21 (Rainer, 2017; Hull, 2010; Doss, 2014).

Do ponto de vista teológico, o adventismo não sustenta uma compreensão sacramental do batismo como ato salvador em si mesmo. O batismo é um sinal público de uma conversão genuína e início de uma jornada de discipulado, e não seu ponto final. Pesquisas adventistas demonstram que, quando a missão é avaliada apenas por decisões públicas, sem sistemas intencionais de assimilação e acompanhamento, as taxas de evasão tendem a aumentar significativamente, especialmente nos primeiros anos após o batismo (Doss, 2014).

Do ponto de vista prático e missiológico, o chamado “modelo batismal” gera distorções recorrentes: pressão por decisões rápidas, preparação insuficiente, negligência do acompanhamento pós-batismo e estatísticas infladas que ocultam realidades de enfraquecimento congregacional. Em contextos secularizados ou pluralistas, em que a jornada até Cristo é longa e relacional, esse modelo mostra-se particularmente ineficaz (Rainer, 2017).

Como alternativa, propõe-se um modelo de múltiplos marcadores, centrado no discipulado ao longo de toda a jornada espiritual. Nesse modelo, o batismo permanece essencial, mas é compreendido como um marco dentro de um processo contínuo de maturação cristã, em coerência com a lógica da Grande Comissão (Mt 28:18-20) e da multiplicação discipuladora (2Tm 2:2).

12. Indicadores como Instrumentos Pastorais de Cuidado e Perseverança

Seguindo a proposta de painéis de indicadores para a avaliação da saúde congregacional, conforme sistematizada por Thom Rainer (2014, 2017) em estudos sobre revitalização e igreja saudável, recomenda-se que a avaliação missionária utilize marcadores relacionais e discipuladores, e não apenas resultados pontuais. Estudos adventistas sobre retenção confirmam que assimilação relacional, envolvimento em pequenos grupos e mentoria pós-batismo são fatores decisivos para a permanência e maturidade espiritual (Doss, 2014). Entre os indicadores mais relevantes destacam-se:

1. Conversões (batismos/profissões de fé) – mais da metade das igrejas estudadas passou a acompanhar quantas pessoas se tornaram seguidores de Cristo. Contar é uma questão de obediência e responsabilidade.

2. Frequência no culto – mais do que um número, a frequência é vista como um termômetro da resposta da comunidade. O objetivo não é apenas contar por contar, mas avaliar se a missão externa está surtindo efeito.

3. Contribuições financeiras – ajudam a medir saúde e engajamento. Práticas como agradecer aos doadores, vincular as contribuições à missão e reconhecer a generosidade fazem diferença.

4. Participação em grupos pequenos – nas igrejas revitalizadas, os grupos funcionam como “fator de retenção”; aqueles que permanecem conectados geralmente estão em grupos e ministérios.

5. Envolvimento em ministérios – embora esse acompanhamento seja menos comum, algumas igrejas também monitoram quantos membros estão servindo ativamente. Isso gera intencionalidade no engajamento.

Assim, o indicador mais estratégico não é apenas “quantos foram batizados”, mas também quantos permanecem, amadurecem e participam da missão. Avaliar nesses termos permite alinhar crescimento numérico com maturidade espiritual, fidelidade profética e sustentabilidade missionária.

A reflexão sobre indicadores não tem como objetivo reduzir a missão a métricas, mas oferecer instrumentos de discernimento pastoral e fidelidade missionária. Com base nessas considerações, é possível sintetizar os principais achados deste capítulo e reafirmar a centralidade da identidade profética no crescimento saudável da igreja.

13. Considerações Finais

Este estudo partiu da constatação de que os desafios enfrentados pela Igreja Adventista do Sétimo Dia em contextos urbanos pós-cristãos não podem receber respostas adequadas apenas por meio de inovação metodológica ou ajustes estratégicos pontuais. A pergunta central que orientou a reflexão – como a preservação e a renovação da identidade profética influenciam a credibilidade missionária e o crescimento saudável da igreja – revelou-se decisiva para compreender tanto os limites quanto as possibilidades da missão adventista contemporânea.

A análise teológica, missiológica e sociológica desenvolvida ao longo do texto indica que a identidade profética, quando vivida de forma cristocêntrica, coerente e contextualizada, exerce impacto direto sobre a credibilidade pública da igreja. Em ambientes nos quais o cristianismo já não opera como pressuposto cultural, a clareza teológica e a integridade comunitária tornam-se formas centrais de apologética vivencial. A igreja é levada a ser não apenas uma proclamadora de doutrinas, mas uma comunidade cuja vida confirma a veracidade da mensagem que anuncia.

Essa dinâmica não se restringe ao adventismo. Estudos sobre movimentos cristãos indicam que a vitalidade missionária está diretamente relacionada à clareza identitária, ao nível de compromisso exigido e à capacidade de manter uma tensão criativa com a cultura circundante. Steve Addison (2011, p. 60-64) observa que movimentos religiosos tendem a enfraquecer quando perdem o vínculo com seu carisma fundador, relaxam mecanismos de alinhamento discipular ou reduzem excessivamente a tensão com o contexto cultural. Em contraste, movimentos que preservam identidade clara, compromisso elevado e engajamento cultural equilibrado demonstram maior resiliência comunitária e maior capacidade de expansão missionária sustentável, mesmo em ambientes pós-cristãos adversos.

No caso específico da Igreja Adventista do Sétimo Dia, o estudo demonstrou que abordagens reducionistas, centradas exclusivamente em resultados numéricos imediatos, tendem a produzir fragilidade comunitária e baixa perseverança. Em contraste, uma compreensão integral de crescimento – que articula conversão, discipulado, assimilação e multiplicação – mostra-se mais coerente com o mandato bíblico e com a vocação profética do adventismo. A identidade profética não se apresenta, portanto, como obstáculo ao crescimento, mas como um de seus principais fundamentos quando integrada a processos discipuladores intencionais.

Reconhece-se, por fim, que os contextos pós-cristãos são heterogêneos e que a presente reflexão não esgota o tema. Pesquisas futuras poderão aprofundar empiricamente os processos de assimilação e permanência após iniciativas evangelísticas, analisar a percepção pública da identidade profética adventista em ambientes seculares, investigar práticas digitais de discipulado e avaliar o papel de pequenos grupos e mentoria como infraestrutura de formação cristã. Esses desdobramentos poderão contribuir para o amadurecimento de uma missão que una fidelidade doutrinária, sensibilidade cultural e sustentabilidade comunitária.

Conclui-se, portanto, que o futuro missionário do adventismo em contextos pós-cristãos dependerá da capacidade da igreja de sustentar, em tensão criativa, fidelidade profética, centralidade cristocêntrica e discernimento contextual. O crescimento saudável da igreja não será fruto da neutralização de sua identidade, mas de sua vivência madura, humilde e missionária. Ao testemunhar com clareza, graça e esperança escatológica, a Igreja Adventista permanece fiel à sua vocação histórica de servir ao mundo, anunciando que a história caminha para a consumação do Reino de Deus.

Referências

ADDISON, S. **Movements That Change the World: Five Keys to Spreading the Gospel**. Westmont, IL: InterVarsity Press, 2011.

ARN, W.; ARN, C. **The Master's Plan for Making Disciples**. Grand Rapids, MI: Baker, 1998.

BARNA GROUP. **Reviving Evangelism: Current Realities That Demand a New Vision for Sharing Faith**. Ventura, CA: Barna Group, 2019.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BAUMGARTNER, E. W. **The Church Growth Movement and Adventist Mission**. Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2000.

BOSCH, D. J. **Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão**. São Leopoldo, RS: Sinodal, 2002.

CHRISTIAN FAITH ARCHIVE. "Why Seventh-day Adventists Are Growing as Christianity Declines." YouTube, 2023. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zNfHZDK_WZA.

DEDEREN, R. "Ecclesiology." In: DEDEREN, R. (ed.). **Handbook of Seventh-day Adventist theology**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2000, p. 863-916.

DOSS, D. L. **Retention and Reclamation: A Study of Why Members Leave the Seventh-day Adventist Church**. Silver Spring, MD: Office of Archives, Statistics, and Research, General Conference of Seventh-day Adventists, 2014.

ESCOBAR, S. **A missão da igreja no mundo contemporâneo**. São Paulo: ABU Editora, 1999.

GUDER, D. L. (ed.). **Missional Church: A Vision for the Sending of the Church in North America**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1998.

- HIEBERT, P. G. **Anthropological Insights for Missionaries**. Grand Rapids, MI: Baker, 1985.
- HIRSCH, A.; FROST, M. **The Shaping of Things to Come: Innovation and Mission for the 21st-Century Church**. Grand Rapids, MI: Baker, 2013.
- HULL, B. **The Disciple-Making Church: Leading a Body of Believers on the Journey of Faith**. Grand Rapids, MI: Baker, 2010.
- KELLER, T. **Center Church: Doing Balanced, Gospel-Centered Ministry in Your City**. Grand Rapids, MI: Zondervan, 2012.
- KELLEY, D. M. **Why Conservative Churches Are Growing: A Study in the Sociology of Religion**. Nova York: Harper & Row, 1972.
- KNIGHT, G. R. **A visão apocalíptica e a neutralização do adventismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.
- NEWBIGIN, L. **The Gospel in a Pluralist Society**. Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1989.
- PAULIEN, J. **Present Truth in the Real World**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 2008.
- RAINER, T. S. **Autopsy of a Deceased Church: 12 Ways to Keep Yours Alive**. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2014.
- RAINER, T. S. **Scrappy Church: God's Not Done with Your Church Yet**. Nashville, TN: B&H Publishing Group, 2017.
- RODRÍGUEZ, Á. M. (ed.). **Toward a Theology of the Remnant**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, 2009.
- SAYERS, M. **Reappearing Church: The Hope for Renewal in the Rise of Our Post-Christian Culture**. Chicago: Moody Publishers, 2019.
- The Seventh-day Adventist Encyclopedia**. 2. rev. ed. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1996.
- SCHWARZ, C. A. **Natural Church Development: A Guide to Eight Essential Qualities of Healthy Churches**. Carol Stream, IL: ChurchSmart Resources, 1996.
- TAYLOR, C. **A era secular**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.
- TRIM, D. J. B. "Identity and Mission: The Twin Foundations of Adventism." **Adventist Review**, 2015.

WALTER, R. **Evangelism Intelligence: Why Adventist Churches Grow Differently**. Nampa, ID: Pacific Press Publishing Association, 2017.

WARREN, R. **Uma igreja com propósitos**. São Paulo: Vida, 2003.

WEBER, M. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WHITE, E. G. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. G. **Atos dos apóstolos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

WHITE, E. G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2005.